

“O cavalo é quem te dá as dicas”: uma etnografia da relação entre domadores e cavalos no pampa brasileiro

“The horse is who gives you the tips”: an ethnography of the relationship between trainers and horses in the Brazilian pampa

Daniel Vaz Lima¹

Pesquisador do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos – GEEUR
Universidade Federal de Pelotas – UFPel

E-mail: dvlima.vaz@gmail.com

Resumo

Este artigo trata da interação entre humanos e animais na doma de cavalos no contexto do pampa brasileiro. A *doma* é um saber/fazer constituído de diferentes momentos nos quais se acionam a utilização de determinados artefatos, estabelecendo uma interação em que o cavalo e o humano aprendem formas de comunicação. De acordo com os interlocutores, cada *domador* tem suas escolhas técnicas que são acionadas a partir da relação estabelecida com o cavalo. No processo da doma é estabelecido uma interação em que o *domador* ensina o cavalo, e este, por sua vez, o ensina na habilidade da execução das técnicas, fazendo-o experienciar diferentes maneiras de praticar tal saber/fazer. Assim, o trabalho etnográfico estabelece uma discussão sobre a aprendizagem tanto dos *domadores* quanto dos cavalos que se dá por meio de uma continua incorporação de habilidades constituídas na experiência e na vivência das lides pastoris.

Palavras-chave: humanos e cavalos; técnicas de *doma*; modo de vida/trabalho.

¹ Graduado em Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGAnt) da mesma universidade. Atualmente é pesquisador do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR).

Abstract

This article deals with the interaction between humans and animals in taming horses in the context of the Brazilian pampa. The taming is a knowledge/make consists of different moments in which trigger the use of certain artifacts, establishing an interaction where the horse and humans learns ways to communicate. According to the interlocutors, each handler has its technical choices that are used according to the established relationship with the horse. In the process of taming is established an interaction where the trainer teaches the horse, and this, in turn, teaches the skill of execution of techniques, making him experience different ways of practicing such knowledge/make. Therefore, the ethnographic work establishes a discussion about learning both as trainers of horses is through a continuing incorporation of skills constituted on experience and experiences of pastoral read.

Keywords: human and horses; techniques to tame; way of life/work.

Considerações iniciais

Este texto propõe uma reflexão sobre a aprendizagem das técnicas de domar cavalos no contexto do pampa brasileiro atentando para a relacionalidade entre o humano e o cavalo na construção do ser domador, das técnicas e das lidas campeiras². Para os domadores o cavalo não é um ser passivo, receptor e reproduzidor de tarefas, mas um agente que, conforme a sua personalidade, vai demandar o manejo de diferentes habilidades para ensiná-lo. A aprendizagem tanto dos humanos quanto dos cavalos é uma contínua incorporação de habilidades constituídas na experiência (Ingold 2010) e na vivência do cotidiano das lides pastoris.

Esta etnografia apresenta as discussões de minha dissertação (Lima 2015), defendida junto a ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGAnt/UFPel), sendo uma pesquisa que se constituiu como um desdobramento do trabalho realizado pelo “Inventário Nacional de Referências culturais – INRC – lidas campeiras na região de Bagé (1º Fase)”³. O INRC é uma metodologia desenvolvida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)/ Ministério da Cultura para a documentação e produção de conhecimento dos bens culturais de caráter imaterial como forma de salvaguarda das manifestações que são dinâmicas como é o caso das celebrações, dos saberes e formas de expressão (Freire 2005). Nesse sentido,

² A denominação “lidas campeiras” abarca um conjunto de ofícios executados na manutenção das estâncias e demais propriedades rurais voltadas para a atividade econômica de criação, manutenção e reprodução de rebanhos de gado bovino, equino e ovino.

³ O trabalho de levantamento do inventário foi financiado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Se constituiu a partir de uma demanda da Prefeitura de Bagé/RS ao Instituto e acolhida pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), por intermédio do curso de Bacharelado em Antropologia que se utilizou da metodologia deste para inventariar os bens patrimoniais de caráter imaterial. A primeira fase compreende os anos de 2010-2013. A equipe de pesquisadores do INRC – Lidas Campeiras na região de Bagé/RS foi composta por: Flávia Maria Silva Rieth (Coordenadora), Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Pablo Dobke, Marta Bonow, Daniel Vaz Lima, Cláudia Turra Magni (Consultora em Antropologia da Imagem), Fernando Camargo (Consultor em História), Erika Collischonn (Consultora em Geografia) Beatriz Muniz Freire e Marcus Benedetti (técnica/o IPHAN).

o INRC – Lidas campeiras na região de Bagé/RS buscou identificar, descrever e documentar a pecuária extensiva (criação de bovinos, ovinos e equinos com fins econômicos) nas práticas e saberes que a compõe, como referência na constituição da cultura pampiana (Rieth, Kosby, Silva, Rodrigues, Dobke & Lima 2013). O trabalho de documentação consistia no preenchimento das fichas de identificação de bens imateriais inscrevendo as lidas num dos 4 livros de registros, o “livro dos Saberes”, no qual se registram os conhecimentos e modos de fazer que constituem o cotidiano dos coletivos (Silva 2014; Freire 2005). O preenchimento das fichas consistia numa descrição do que as pessoas fazem, como fazem, com o que fazem e onde fazem, o que implicou descrever os artefatos utilizados nas atividades, a presença dos animais não humanos, os lugares em que as mesmas são praticadas, sua história e suas transformações, a alimentação, as bebidas, as vestimentas que são utilizadas, as músicas e festas.

A partir dos ofícios levantados⁴ pelo INRC, desenvolvi em minha dissertação uma reflexão sobre um deles: a doma de cavalos. Este ofício é um saber e modo de fazer que é praticado pelo *domador* concebido como um artífice que possui a habilidade das diferentes técnicas de ensinar cavalos para as práticas relacionadas aos trabalhos que envolvem a pecuária extensiva. O saber e modo de fazer da doma é constituído de diferentes momentos em que se acionam a utilização de determinados artefatos, estabelecendo uma interação em que o cavalo e o humano aprendem formas de comunicação. Considera-se uma troca de ensino e aprendizagem entre o humano e o equino em que o domador ensina o cavalo ao passo que o cavalo ensina o domador, ou seja, no cotidiano da interação com diferentes cavalos, o domador desenvolve a habilidade na execução das técnicas, experienciando diferentes maneiras de praticar a doma. É ilustrativo a expressão “*buscar a volta do cavalo*” que significa levar em consideração a “personalidade” do animal não humano quando for lidar com ele:

É ele quem te ensina. Se tu quer fazer alguma coisa com ele e ele não permite, tens que buscar outro jeito. Tens que buscar a volta dele. (Seu Denílson, domador que reside no município de Candiota/RS).

Cada animal é único, tendo uma determinada personalidade, e o domador deve que estudá-lo, conhecê-lo, para poder lhe ensinar:

Tu estudas o cavalo e é o cavalo quem te dá as dicas (Neco, domador que reside no município de Aceguá/RS).

Os domadores, interlocutores deste trabalho, foram iniciados no ofício por meio de domadores mais velhos, no entanto, consideram que foi na prática cotidiana de interação com os cavalos que desenvolveram a habilidade técnica.

Portanto, as considerações apresentadas neste texto, constituem num aprofundamento do material inventariado pelo “INRC – lidas campeiras na região de Bagé/RS”. A partir do INRC, o conhecimento e modos de fazer dos domadores foi descrito, o que implicou atentar para a técnica

⁴ O INRC – Lidas Campeiras na região de Bagé/RS identificou e documentou sete ofícios que compõem as “*lidas campeiras*”: a *esquila* (tosa de animais ovinos); *doma* que é o ofício de adestramento de cavalos; *tropeirismo* entendido como o transporte terrestre, a cavalo, de animais ovinos e bovinos; *lida caseira* (manutenção doméstica e cotidiana da propriedade rural); *pastoreio*; feitura de cercados cuja denominação é *aramados* e, por fim, o ofício do *guasqueiro* (fazedor de artefatos e utensílios em couro). Tais ofícios são abarcados pelo saber e modo de fazer de um único (porém múltiplo) agente, o “*campeiro*” sendo aquele que conhece e sabe fazer um pouco de cada um dos ofícios que compõem as lidas (Rieth, Rodrigues & Silva 2015).

em si – quem faz, como faz, onde pratica e com quem aprendeu a fazer. A descrição etnográfica das diferentes técnicas de domar cavalos no contexto do pampa brasileiro atenta para uma reflexão sobre a interação entre o domador e o cavalo no trabalho da doma. A etnografia engendra pensar, a partir da relação estabelecida entre humanos e animais não humanos, as diferentes possibilidades dos seres construírem esse termo complexo a que chamamos de social.

O pampa enquanto contexto etnográfico

A área geográfica do Bioma pampa é de 700 mil Km² se estendendo entre os países do Brasil, Uruguai e Argentina. No Brasil, a distribuição das terras pampianas se dá na metade sul do Rio Grande do Sul ocupando cerca de 63% do território. O pampa caracteriza-se pela predominância de vastas áreas de vegetação baixa (os campos) permeado por banhados, matas ciliares e capões de mata (Brasil 2014). A paisagem campestre do pampa está associada à sua “vocaçã” para a atividade pecuária que historicamente se desenvolveu nessa área geográfica. Entretanto, o pampa é concebido, conforme a perspectiva dos pesquisadores do “INRC – Lidas Campeiras na região de Bagé”, como uma “área cultural” (Leal 1997) que, por meio da mobilidade de humanos e não humanos, ultrapassa os limites geográficos e políticos do Brasil, adentrando na paisagem cultural dos países limdeiros: Uruguai e Argentina.

Junto à equipe de pesquisadores do INRC – lidas campeiras iniciei, na segunda metade do ano de 2012, os trabalhos de campo emaranhando minha trajetória junto a rede constituída pelos interlocutores e pesquisadores. O grupo estava na pesquisa desde o ano de 2010 e tinha consolidado um conjunto de relações com diversos interlocutores. Por meio dessa trajetória de vivências, diversas questões perpassavam as discussões do grupo, entre elas a questão do laço estreito que interligava o modo de vida dos interlocutores a convivência com os outros animais. Percorremos o pampa seguindo as indicações dadas pelos interlocutores de pessoas que consideravam “referência” na prática dos ofícios e, assim, fomos *tramando os tentos*⁶ por meio da mobilidade dos interlocutores pela área cultural como se pode observar na fala deste interlocutor, seu Nelson, domador que residia em uma vila na cidade de Bagé/RS:

Eu era assim né, as vezes me dava vontade de trocar de estância⁷, pois eu domava em estâncias, e ia para onde os cavalos pegavam!

A vida de andarilho, nômade, caminhando, junto com os cavalos, por diversos caminhos do pampa é destacado pelo domador como construtor do seu modo de viver.

Foram constantes os casos em que encontramos domadores que trabalhavam somente alguns dias nas estâncias e partiam para trabalharem em outra. Para eles o “*bom domador*” nunca fica estabelecido num só local e está sempre circulando pelas cabanhas e estâncias, não criando vínculos

⁵ Ao longo da pesquisa contatou-se cerca de 20 interlocutores que eram domadores de cavalos ao passo que muitos destes interlocutores não realizavam somente a doma sendo também peões campeiros, guasqueiros, alambreadores, entre outros ofícios relacionados a manutenção da pecuária.

⁶ Os *tentos* são pequenas tiras de couro de animais vacuns e cavalares as quais são *lonqueadas*, ou seja, preparadas por meio da limpeza e retirada dos pêlos, ao mesmo tempo em que se vai amaciando-as, para depois serem tramadas (trançadas) construindo um artefato em couro.

⁷ Grandes propriedades rurais voltadas para a atividade da pecuária.

com os lugares que trabalha, embora crie vínculos com as pessoas e os animais. Nos encontros com os interlocutores, sentados em roda para tomar o *chimarrão*⁸, a conversa girava em torno de histórias de cavalos que passaram pelas suas vidas e, nesse entrecruzamento de trajetórias, deixaram marcas no corpo daqueles que *domam*, assim como deixaram marcas nos seus sentimentos com lembranças boas e más. O domador se mantém informado sobre a trajetória que o cavalo, que passou pela sua vida, segue construindo.

A estreita relação com os animais não humanos foi referenciada pelos interlocutores como constituidores do seu modo de vida perpassando suas falas - como a frase de Neco, então domador de cavalos numa estância em Aceguá/RS, em que disse: “*Se um dia deixar os cavalos, vai ser muito difícil para mim.*” -, e suas práticas tais como as conversas com os domadores entre os seus cavalos. Nessas conversas, faziam questão de apresentar as características dos animais, suas habilidades em determinadas técnicas e a maneira como estavam aprendendo os ensinamentos. No cotidiano das estâncias, os domadores realizam outros serviços como o de peão campeiro que é o trabalho de pastoreio com o gado, ovelhas e cavalos. A realização das lides pastoris depende tanto do conhecimento do campeiro, quanto do conhecimento do cavalo. Tal como o “*bom campeiro*” é aquele que conhece um pouco de cada um dos ofícios - tais como domar um cavalo, confeccionar artefatos em couro, construir ou consertar uma cerca de arame -, o “*bom cavalo*” é o animal que tem habilidade na realização das diversas atividades tais como saber “*apartar*” um boi da tropa, que significa separar o animal dos demais do grupo, saber *cinchar* que se refere a prender um animal vacum por meio do laço que fica preso na *cincha* que é um artefato dos *arreios*. O campeiro, montado no cavalo, faz este puxar o boi. Quando está puxando o animal bovino pela *cincha*, se deve cuidar para este, que tenta fugir, não enredar o artefato nas patas do cavalo o que pode derrubá-lo. A cada movimento do boi, o cavalo deve acompanhar virando o corpo na direção desse movimento. O campeiro, em cima do cavalo, sempre atento, vai puxando ou tocando por diante o boi ao mesmo tempo em que controla o movimento do equino. Portanto, a prática da lida no pastoreio de manejo de um animal vacum requer uma desenvolvida habilidade tanto do campeiro quanto do cavalo. Nas propriedades rurais, em que os cavalos vão desempenhar atividades pastoris, a doma é um processo contínuo em que o animal vai aprendendo na lida do dia-a-dia, ou seja, nas diferentes atividades que vão aparecendo para serem realizadas. Por conseguinte, o cavalo rebelde, com temperamento indócil, que não deixa ser domado ou que não aprendeu os ensinamentos corretamente, conhecido pela denominação *redomão*, não servirá para trabalho de campo e poderá ser direcionado para os *rodeios de gineteadas*⁹ sendo eventos muito apreciados pelos campeiros e demais pessoas que compartilham esse modo de vida.

A relação entre humanos e cavalos ultrapassa os limites dos ambientes rurais adentrando e constituindo os ambientes urbanos. Junto aos automóveis, motocicletas, bicicletas e prédios, o olhar encontra homens e mulheres montados em cavalos. Nas várzeas e banhados que cercam as cidades do pampa encontrei diversos cavalos atados por uma corda em estacas cravadas no

⁸ Erva-mate (*illex paraguariensis*) colocada dentro de um recipiente, denominado de cuia. Ali coloca água quente e no qual se bebe por meio de um tubo metálico inserido na erva-mate, chamado *bomba*.

⁹ Uma das diversas provas campeiras. O jogador, conhecido pela denominação *ginete*, monta no cavalo não domado (conhecido pela expressão cavalo *xucro* ou *aporreado*) e incentiva, por meio de um rebenque e espora, a *corcovear*; pular enquanto o *ginete* tem de se sustentar-se em cima por 8 segundos. A maneira como o cavaleiro se porta em cima do lombo do *aporreado* e o tempo em que fica são definidores dos pontos que este recebe.

chão. Nesses espaços também existem pequenas áreas que se arrendam para colocar equinos. Ao caminhar pela cidade cruzei por pessoas montadas em cavalos cruzando as avenidas e ciclovias da cidade. Foram constantes as visitas as hospedarias ou cabanhas para cavalos na cidade de Pelotas localizada na região sudeste do Estado sendo um centro urbano de referência na metade sul¹⁰. A hospedaria é um espaço de hospedagem para cavalos sendo considerada uma *cabanha* quando o estabelecimento é, também, especializado na criação e desenvolvimento da genética de uma determinada raça ou linhagem. Além do serviço de hospedagem de cavalos esses espaços praticam o serviço de doma para fins de lazer, trabalho e também para as chamadas “*provas campeiras*” que são competições em que se realizam tarefas que representam as lides pastoris. Humanos e equinos constroem e são construídos pelo ambiente da hospedaria e a sociabilidade se dá em torno dos cavalos, cuja relação transforma a pessoa, pois o faz “*deixar de pensar em fazer bobagens que fazia antes*” como disse um interlocutor para um “iniciante” que comprara um cavalo e o estava hospedando no recinto. Ao cuidar do cavalo se cuida de si mesmo e essa relação pode melhorar a qualidade de vida como me dissera o Valadão, que era proprietário de um cavalo com o nome de *Xiru*, cuja relação estabelecida possibilitou que se curasse das sequelas de um AVC (Acidente Vascular Cerebral).

Estes estabelecimentos são frequentados tanto por pessoas dos centros urbanos que hospedam seus cavalos para desfile, cavalgadas, e provas campeiras, como por pessoas do meio rural (principalmente ex-peões campeiros) que vem a hospedaria para manter o vínculo com a vida a cavalo que tinham no campo (Silva 2014). Também frequentam a hospedaria os trabalhadores das estâncias da região que conseguem emprestados os cavalos para participar dos eventos campeiros nas zonas periféricas da cidade. Nos momentos em que vivenciei o cotidiano da hospedaria observei que as pessoas que frequentavam o local conversavam entre si e comigo sobre a personalidade dos cavalos que são diversas. Animais mansos, traiçoeiros, rebeldes, irritados, fechado em si, frequentam e frequentaram o recinto deixando suas presenças nas conversas acompanhadas pelo *chimarrão*. O cavalo esperto que consegue tirar o *buçal*¹¹ intriga as pessoas como seu Vanderlei, proprietário de uma hospedaria, que exclamou em determinado momento: “*Ainda tem gente que acredita que esses animais não são inteligentes!*” Por conseguinte, tem as rixas entre os cavalos. Numa hospedaria que frequentei havia dois garanhões que são inimigos e, quando um deles se soltava, seu propósito era ir brigar com o outro. Seu Vanderlei observava que quando esses cavalos se cruzavam, se olhavam de tal maneira que parecia que diziam um ao outro: “*Eu ainda te pego! Temos algumas coisas a resolver!*”. Por outro lado, tinha-se os cavalos que eram amigos, como pode-se observar nas palavras de seu Vanderlei: “*parece que eles conversam e gostam de estar juntos*”. Nesse caso, quando um cavalo conseguia soltar-se da corda da corda que o prendia, ia ao encontro do outro, seu amigo, para pastarem juntos. Há inimizades entre humanos e cavalos considerando que existem animais que não gostam de algumas pessoas ao passo que me foi relatado sobre um cavalo que passou pela hospedaria e o qual não gostava de uma determinada pessoa chegando “*a ficar em pé dentro da baia quando ouvia a voz desta*”.

O cotidiano de uma hospedaria para cavalos começa as seis horas da manhã quando os equinos recebem a ração. Depois de colocar o alimento nos cochos dos cavalos os cabanheiros

¹⁰ De acordo com o levantamento de Souza, Zardin, Surita, Duval & Silvera (2011) no perímetro urbano da cidade de Pelotas existiam em torno de 60 estabelecimentos para hospedagem de cavalos.

¹¹ Artefato feito de couro que prende o animal pela cabeça.

tomam o *chimarrão* do início do dia. Às oito horas os cavalos são retirados das baias e são presos, por meio de cordas, nos galhos das árvores, nos *palanques*¹² e estacas espalhados pela área da hospedaria. Os clientes na maior parte das vezes frequentam a hospedaria no início da manhã e no final da tarde, momentos em que vem pessoalmente tratar (dar ração, escovar, dar banho, cortar as crinas, entre outras) seus animais. Nos finais de semana, passam as tardes, principalmente as de sábado, no recinto conversando sobre cavalos e também, lentamente, tratando seus animais para encilharem e saírem, em grupo, cavalgando pela cidade: “*Eles vêm, encilham*¹³ *seus cavalos e saem para a avenida*” como me disse o Marco Vinicius, cabanheiro e domador de uma hospedaria em Pelotas/RS. Na cidade tem-se a chamada “Avenida Duque de Caxias” que possui uma pista ciclística sendo local onde os proprietários dos cavalos fazem os passeios curtos, principalmente nos dias de trabalho da semana em que tem pouco tempo para o lazer. Além de *domador*, Marcos Vinicius é *ferrador*, *aramador* e *guasqueiro* e assim oferece outros serviços aos proprietários como ferrar os cascos dos cavalos e também vender, para estas pessoas, alguns artefatos em couro confeccionados pelas próprias mãos. É na avenida que o domador galopeia os seus cavalos iniciando a prática da montaria na mangueira da cabana para depois treiná-los por entre os carros e pessoas na avenida. Os cavalos são domados, na maioria das vezes, para aqueles que frequentam a hospedaria, assim como os equinos da própria cabanha. Nesse sentido, os cavalos são ensinados a correr atrás do boi e não se assustar com o rebolear do laço. Quando o potro (cavalo que está sendo iniciado) demonstra habilidade e “inteligência” em praticar os ensinamentos do domador, disputará prêmios em esportes equestres.

Essa estreita relação com os outros animais constitui o modo de vida das pessoas envolvidas com atividades relacionadas a pecuária no ambiente do pampa assim como são constituídos por esse ambiente conforme a noção de Tim Ingold (2012: 31) para quem o fato habitar o mundo é também se juntar ao processo de formação. É se envolvendo com o ambiente e com outros entes que o habitam que a habilidade é incorporada. Tal como os domadores, os cavalos circulam entre o meio rural e urbano e, assim, também constroem os ambientes ao mesmo tempo em que são envolvidos por ele. Pessoas diversas (domadores, campeiros, proprietários rurais e de hospedarias, etc) circulando por diferentes lugares e percorrendo diferentes caminhos têm a sociabilidade construída por meio e com os equinos que também circulam por diversos lugares e são diversos.

“Se quer aprender tem que fazer”: a construção do ser domador

O domador é um artífice que possui a “habilidade artesanal” (Sennett 2013) que significa a capacitação de alto grau em que a sua expansão é construída por meio da relação entre a solução de problemas e a detecção dos mesmos. Para Sennett (2013) a habilidade artesanal é a incorporação de um processo de conversão da informação e das práticas em conhecimento tácito. O ser artífice se refere ao “cultivo de um estilo específico de vida”, não sendo um procedimento maquinal, mas uma “questão cultural” (Sennett 2013: 19). O domador se engaja de uma forma prática sendo sua atividade uma arte, ou seja, um trabalho voltado para a busca da qualidade. A maneira como aprendem se dá a partir da experiência adquirida por meio do engajamento com os artefatos, com os outros animais e com o ambiente. Nesse sentido, a habilidade artesanal, além

¹² Tronco de madeira de 3,5 metros sendo 1,5 metros enterrados no chão.

¹³ Colocar os artefatos de montaria.

do treinamento dos movimentos corporais que expande as capacitações, é o resultado de uma interação entre o humano e o animal não humano sendo um aprendizado a partir do encontro com o “outro” (Wagner 2010).

Os interlocutores elencaram três aspectos para ser um domador: A primeiro se refere a coragem, pois o ofício requer muito cuidado e o domador vai aprendendo, com as circunstâncias, o controle do trabalho por meio da “[...] dialética entre a maneira correta de fazer algo e a disposição de experimentar através do erro” (Sennett 2013: 181) o que pode gerar uma fratura; o segundo aspecto é a paciência que significa levar em consideração os graus de assimilação do cavalo no processo de aprendizagem; o terceiro, e último aspecto, se refere ao “*gostar de ensinar*” o que implica também “*gostar de aprender*” e assim o engajamento confere um sentimento de vocação (Weber 2006), sendo uma convicção de que se está destinado a viver para domar.

A aprendizagem desse trabalho que vai constituindo a habilidade é transmitida ao iniciante pelos mais velhos, através do que Ingold (2010: 20) chama de “educação da atenção”. Esse aprendizado não se dá pela entrega de um “corpo de informações desincorporada”, consideradas “representações”, mas pela criação, por meio das atividades de determinada geração, de “contextos ambientais dentro dos quais as sucessoras desenvolvem suas próprias habilidades incorporadas de percepção e ação.” Conforme disse Beto - em entrevista aos pesquisadores de INRC – lidas campeiras -, que era domador de estância, mas que no momento da entrevista havia construído uma hospedaria de cavalos na cidade do município de Bagé sendo o local em que estava praticando a doma:

A gente aprende olhando quando guri, alguém ia fazer uma coisa na estância a gente ia junto. Se fosse doma, alcançava um arreio, alcançava uma cincha¹⁴ um pelego¹⁵. Quando tinha doze ou treze anos, já ia montado naqueles bichos. Não tinha outra coisa melhor que fazer aquilo ali. Nós éramos guri¹⁶ e ficávamos ali para ajudar e já ia aprendendo. Hoje ensinamos para muita gente, assim como a gente aprendeu.

A iniciação e construção do ser domador se dá quando *guri*, a partir do momento em que estes passam a ser responsáveis por pequenas tarefas como buscar as vacas em algum *potreiro*¹⁷ no final da tarde, para fazer a ordenha. Em trabalho etnográfico me deparei com o caso do filho de um pequeno proprietário rural no município de Candiota localizado no sudeste rio-grandense que com dez anos estava praticando as lidas da doma de cavalos. O pai, domador, iniciava o cavalo e o filho seguia o processo de ensinamento. No final da tarde, o menino buscava o cavalo no *potreiro*¹⁸, encilhava e ia para o campo trazer as vacas para a ordenha. A destreza na montaria era enfatizada pelo pai que acompanhava, com orgulho, os movimentos do guri. Vez por outra, este chamava a atenção do filho como ter cuidado ao cruzar perto das patas traseiras do cavalo

¹⁴ Peça que compõe os arreios. Serve para firmar a sela sobre o lombo do cavalo. Também é na *cincha* que fica o *cinchador* sendo uma peça de couro ou ferro colocado no lado direito onde se prende o *laço*.

¹⁵ Peça feita de pele e lã de ovinos com formato retangular que fica em cima da sela e serve para tornar macio o assento do cavaleiro.

¹⁶ O termo *guri* é designado como referência ao menino.

¹⁷ Chama-se assim as áreas divididas por cercas de arame dentro de uma propriedade.

¹⁸ Área localizada próxima ao domicílio da propriedade em que ficam os cavalos para as lides pastoris, as vacas para ordenha, as ovelhas.

e também ter cuidado em não “atropelar”¹⁹ o *potro* - cavalo em processo de iniciação de doma - em direção as vacas, porque o animal estava aprendendo e poderia *corcovear*, ou seja, se rebelar e começar a pular derrubando o aprendiz de domador. O garoto encilhava o cavalo e montava com facilidade. Ao descer do cavalo que o ficava observando criando uma percepção de uma estreita interação. O *potro* acompanhava os movimentos do menino que fora buscar o chapéu e, quando este se preparou para montá-lo o cavalo preparou o corpo numa atitude que, na minha percepção, parecia que estava o auxiliando para montá-lo. Quando não estava na escola o menino estava em volta desses animais e dizia não gostar da cidade porque lá não tinha cavalos e, além disso, lhe era negado a possibilidade de dormir nos *arreios*²⁰.

A partir dos 15 anos de idade se começa a acompanhar os adultos nas atividades campeiras. A iniciação nas lidas é de intensa atividade física em que ao jovem campeiro cabe a tarefa de derrubar e segurar o boi ou a ovelha na “*força do braço*”. A iniciação nessas atividades é o momento da construção desses jovens como pessoas, ou como homens, que os fazem se tornarem sujeitos (Silva 2014). Além disso, a atitude de respeito perante os demais peões, com experiências nas lidas, está entre os atributos necessários a construção do ser campeiro. Por conseguinte, humanos e cavalos estabelecem uma relação de ensino e aprendizagem na lida: O jovem torna-se adulto através da *lida*, do trabalho, sendo esta quem o “*doma*”. O cavalo, antes considerado *potro*, ou seja, não iniciado, torna-se “*sujeito*” quando começa a realizar as lidas no campo. Para se tornar um domador com habilidade de ensinar a um *potro* as habilidades da lida, além de aprender com os mais velhos, o iniciante aprende também com um cavalo já experiente nas atividades. Quando o aprendiz começa a acompanhar os demais nas atividades de pastoreio aprende por meio da observação e prática. Entretanto, o cavalo que este monta conhece os trabalhos e o iniciante tem que saber acompanhá-lo. Por exemplo: caso se está conduzindo uma tropa de animais bovinos para determinado lugar e, num determinado momento, o animal vacum “*refuga*”, ou seja, tenta fugir, o cavalo vai tentar impedir que este animal consiga a fuga. Ao peão cabe acompanhá-lo a ação com movimentos corporais. Portanto, os domadores dizem que “*para ensinar tem que aprender a fazer*”.

O aprendizado do aprendiz de domador que reside nos ambientes urbanos se dá pela sua participação no cotidiano das hospedarias e cabanhas. O domador que trabalha nesses estabelecimentos passa a experiência adquirida nas atividades da doma para os mais jovens por meio das atividades cotidianas do recinto. Após a aula, os jovens se dirigem a hospedaria para ajudar nas atividades como dar ração e escovar os pêlos dos cavalos, trazer os animais que estão presos nas estacas ao redor do galpão da hospedaria que é o local onde ficam os cavalos. Além disso, nos finais de semana acompanham, a cavalo, os mais velhos que vão para os eventos chamados *rodeos* em *provas de tiro de laço*, competição em que o jogador, montado a cavalo, corre atrás de um boi com o objetivo de atirar o laço – artefato feito de couro utilizado para prender os animais - cuja a armada deve prender as guampas do animal vacum. Existem também as provas realizadas pela ABCCC²¹ denominadas “*prova do Freio jovem*” cujas as modalidades são a Infantil

¹⁹ Atropelar o cavalo significa fazer este avançar bruscamente em direção ao gado para atacar alguma rês, ou para assustar os animais fazendo-os se movimentarem com mais rapidez.

²⁰ Outra denominação dos artefatos de montaria.

²¹ Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Crioulo, instituição criada em 1931, em Bagé/RS com o objetivo de padronizar a raça do Cavalo Crioulo que abrange animais descendentes dos cavalos da península ibérica que vieram para a América com os europeus por serem considerados os mais resistentes. Atualmente a associação tem

em que competem concorrentes menores de 12 anos; a Juvenil, de 12 anos completos a 16 anos incompletos; e a Aspirante, de 16 anos completos a 30 anos incompletos. A partir desta idade o competidor passa a competir na prova do freio de ouro. Nestas provas domador e cavalo tem de apresentar habilidades na realização das etapas como correr por entre fardos de fenos distribuídos na pista; *fazer o giro*, movimento das patas dianteiras de um lado para outro; realizar a apresentação do laço em que o domador desprende o artefato preso nos arreios e, com o movimento do corpo e liberando a pressão das rédeas, faz o cavalo correr enquanto *reboleia* o artefato, ou seja, gira o artefato de forma que se abra a armada e, a última etapa consiste em *esbarrar* que se refere a fazer o cavalo correr uma longa distância e, em determinado momento, o domador puxa a rédea fazendo o cavalo parar imediatamente, sentando o corpo com as patas traseiras. A cada etapa recebe-se uma nota dos avaliadores. Domador e cavalo tem de estarem em constante harmonia considerando que, a cada comunicação exercida, por meio dos artefatos e movimento corporal do domador, o cavalo tem que responder, assim como o domador deve saber o que fazer diante de determinada atitude do cavalo. Essas provas remetem as atividades cotidianas do pastoreio nas estâncias e participam tanto domadores ou ginetes de estabelecimentos (estâncias e cabanhas) localizados no meio rural quanto no meio urbano (hospedarias para cavalos e cabanhas).

Os processos de doma

A doma praticada no pampa sul-rio-grandense é percebida a partir de suas transformações/atualizações no sentido de que a técnica entendida como um conjunto de habilidades constituídas e incorporadas no *modus operandi* dos organismos humanos e animais (Ingold 2010: 16) foi se adaptando de acordo com a conformação socioeconômica e cultural da pecuária. Historicamente a doma é praticada dentro das estâncias cujas atividades estão voltadas para a pecuária extensiva. Nesse caso, o domador é um trabalhador por conta própria que vende sua força de trabalho ao proprietário da estância. O preço do serviço para domar um cavalo é, em média, um salário mínimo. Os processos iniciais da doma iniciam no final do verão e início do outono, período chamado *primeira sova*. No inverno os cavalos são soltos no campo e retornam às atividades no início da primavera quando começam a aprender a realizar as práticas das lides pastoris, período chamado de *segunda sova*. A doma de um cavalo, nesse caso, tem duração de praticamente um ano.

Atualmente, com a transformação das técnicas, a atividade se transferiu também para ambientes urbanos (Howes Neto 2009: 51) sendo reelaborada e relacionando de forma diferente o domador e seu ambiente de trabalho. Nesses locais os cavalos recebem ensinamentos para “*correr prova*”, ou seja, para realizarem as tarefas das diversas competições equestres e, assim, a prática de domar cavalos ocorre em todas as estações do ano. Na maioria dos estabelecimentos localizados nos ambientes urbanos em que fiz trabalho de campo, as técnicas de domar cavalos eram voltadas, para a competição em provas promovidas pela ABCCC²², além da doma para o trabalho no pastoreio.

a sede na cidade de Pelotas e é uma entidade que reúne mais de 49,5 mil pessoas entre criadores, proprietários e usuários de cavalos crioulos, distribuídos em todo o território brasileiro, além do Uruguai, Paraguai, Argentina e Estados Unidos da América. A associação envolve em sua rede 16.042 criadores enquanto que o número de animais registrados está em torno de 352.771 animais sendo que 95% destes cavalos estão na região sul do Brasil (Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos 2015).

²² Em 1982 a instituição criou a prova do Freio de Ouro como forma de incentivar a criação da raça. Nas provas do Freio-de-Ouro são avaliadas a “habilidade campeira do cavalo”.

Neste caso, o processo dura cerca de seis meses e o valor depende do tipo de ensinamento que o cavalo vai aprender o que pode chegar a três salários mínimos acrescentado do valor mensal da hospedagem e cuidados do equino o que varia em média de R\$ 500,00. As atualizações do ofício permitiram que alguns domadores, que desenvolveram a habilidade trabalhando nas estâncias e cabanhas, construíssem seus centros de doma e hospedarias para cavalos em que, muitas vezes, contratam, por um salário mínimo, a força de trabalho de outros domadores.

Existem diversas técnicas de domar as quais, basicamente, se classificam de acordo com a graduação da violência empreendida: na *doma tradicional* ou *gaúcha* são utilizadas técnicas de reforço, tendo centralidade o uso da força e imposição, em que se acionam artefatos como rebenques, *esporas*²³ e o empreendimento da técnica de *puxar o queixo*. Entretanto, existem regras que estabelecem o empreendimento de um ato de violência, ou seja, de castigar e machucar o animal, tendo princípio na noção de reciprocidade entre o domador e o cavalo em que a violência do domador tem que ser em resposta de uma ação negativa do cavalo. No mesmo sentido, a violência do cavalo é resposta a violência, sem justificativa, do domador. A discussão sobre o que é um ato de violência e o que não é um ato de violência é debatida entre os domadores conforme pode-se observar nas palavras de Seu Nelson – domador que reside em Bagé/RS em entrevista ao INRC:

[...] *com carinho o animal se amansa! Eu não judio de animal, eu só trato o animal com carinho. Eu era de dar uma tunda²⁴ num cavalo, quando eu não podia com ele, e me abraçar nele e dizer chorando: “Não me faz mais isso rapaz, senão vou te rebentar a pau!” Chegava a chorar abraçado no pescoço do animal e no outro dia este estava me seguindo. Os animais agarram medo desses caras que judiam [sem razão]: já vem a pau pela cabeça dos animais né! O animal fica com raiva também. Agarra medo e agarra raiva!*

A *doma tradicional* ou *gaúcha* se define em comparação as técnicas de doma ditas “*racionais*” (como “*doma racional*”, “*doma índia*”) cujos os princípios se baseiam na não utilização da força e imposição, ou seja, sem machucar o animal estabelecendo uma relação de confiança entre o humano e o cavalo considerando que o domador o convida a realizar as tarefas. Segundo Monty Roberts (2001: 57) o princípio da doma racional consiste em despertar o interesse do animal baseando-se na comunicação por meio dos movimentos corporais do domador e do cavalo em que ambos vão se conhecendo permitindo a comunicação.

Por trás do debate de violência e não violência estabelecido entre os domadores está a discussão da melhor maneira de ensinar o cavalo. A diferença entre as domas está na “*maneira de lidar*” com o *potro*²⁵, e os artefatos dependem da escolha técnica embora não há um artefato

²³ “É um artefato tridimensional e consiste de uma armação de metal (em geral ferro) em forma de “U”. Na sua volta externa (volta do “U”), uma “roseta” se encontra acoplada à armação, por meio de uma extensão (“papagaio” – de 3 a 4cm ou mais) do próprio metal. A parte interna da volta do “U” fica encaixada no calcanhar da pessoa que usa a espora; uma corrente de metal ou o tento de couro faz um outro “U” que é acoplado por baixo do pé, firmando a espora no taco (salto) da bota do campeiro. Tentos de couro são utilizados fazendo voltas pela frente do pé, passando pela extensão de metal onde se encontra a “roseta”, com o objetivo de evitar que a espora se solte do pé. A “roseta” é um artefato de metal (em geral ferro ou latão) quase bidimensional, circular, achatado, de 2cm de diâmetro ou mais, com pontas agudas em toda a sua volta (pontas também variam de tamanho e de quantidade, de acordo com o tamanho da roseta)”. (Rieth, Rodrigues & Silva 2015: s/n).

²⁴ Bater, violentar com rebenque, o mesmo que o dado pela expressão “*rebentar a pau*”.

²⁵ Cavalo não iniciado no processo de doma.

para determinado tipo de doma, mas para cada relação estabelecida. Para os interlocutores o cavalo percebe as emoções humanas e, nesse sentido, se o animal não humano está desinquieto e o domador se mantém calmo, o primeiro vai perceber que não há motivos para ficar assim. Essa sincronia, sendo uma “troca espelhada de estados” (Pavão 2014: 109), é enfatizada pelos praticantes como o princípio da melhor maneira de ensinar sendo necessário controlar a expressão dos sentimentos quando em trabalho de doma. Os primeiros processos da doma se divide em quatro momentos: *Amanunção*, *puxar o queixo*, *primeiros galopes* e *iniciação do freio*. Essas etapas estão presentes, embora de diferentes maneiras, nas diferentes técnicas praticadas pelos interlocutores.

Amanunção

Ao etnografar as interações entre humanos e cavalos num centro de equoterapia na cidade de São Carlos/SP, Luna de Castro Pavão (2014: 100) observa que as relações entre humanos e cavalos “são modeladas por um conjunto de ações corporais que se articulam a modos de comunicação verbal e não verbal”. Os verbos de controle do cavalo em que se produzem sons com a boca são complementados por “convites corporais” como bater com os pés na barriga do cavalo. Além disso, tem-se a mediação dos artefatos como a corda que, pelo movimento realizado, informa ao cavalo as ações que deve executar. Por outro lado, os movimentos, gestos e atitudes corporais, dos cavalos são percebidos pelos terapeutas e auxiliares-guias como indicações de comportamento. A autora elenca um exemplo:

[...] quando o animal se movimenta mais lentamente em relação ao ritmo que se espera, os terapeutas geralmente pedem ao auxiliar-guia que interrompa a caminhada e, se dirigindo ao cavalo em questão, fazem perguntas como ‘Você quer fazer xixi?’ ‘Está com dor?’ ou, ainda, ‘Está fingindo?’ (Pavão 2014: 109).

São gestos e toques que geram respostas das partes envolvidas. A referência da autora engendra pensar as diferentes formas de comunicação entre o cavalo e o humano as quais são ensinadas e aprendidas nos primeiros momentos do processo da doma.

A técnica de “*Amanunciar o potro*” significa acostumar o cavalo com o humano e com os artefatos utilizados para a montaria. Esse trabalho, muitas vezes é feito desde quando o *potro* está sendo desmamado pela égua, com seis meses de idade. Segundo Sérgio, domador e proprietário da hospedaria e centro de doma Santo Expedito na cidade de Pelotas/RS, antigamente não eram realizados esse trabalho de *amanunciar*, ou seja, o *potro* era pego “*xucro*” (não *amanunciado*) para domar o que demandava muito mais força física e violência. Em conversa com Minga Blanco, domador e proprietário rural no município de Aceguá/RS, as técnicas da doma “ditas racionais” exploram este momento de iniciação do *potro*. Os interlocutores que praticam a “*doma tradicional*” adotam as técnicas de *amanunção* para, como dizem, “*trabalhar a mansidão*” do cavalo facilitando a realização das próximas etapas.

O cavalo é trazido para dentro de um pequeno curral e o domador, com o *buçal*²⁶ na mão, busca se aproximar. O animal foge e fica correndo em torno das tábuas da mangueira enquanto o domador acompanha seus movimentos. Na técnica da doma racional o artífice domador atira uma corda por trás do potro fazendo-o correr em disparada. Em certo momento o cavalo começa a dar

²⁶ Artefato colocado na cabeça e pescoço dos cavalos. Nele está anexado o laço em qual o domador segura o cavalo. O buçal inicia o ensinamento com os artefatos. Ao puxar o laço este faz uma comunicação ao cavalo para se movimentar para a frente.

um sinal que é baixar e subir à cabeça e começar a lambe os *beiços* demonstrando que gostaria de estabelecer uma aproximação. Nesse momento, o domador se aproxima do cavalo mostrando as costas. O animal, aos poucos vai permitindo o encontro com o domador que, por fim, se aproxima acariciando a testa e colocando o laço no focinho para o cavalo cheirar, pois segundo dizem este conhece algo pelo cheiro. Após isso, o domador, lentamente e com calma, coloca a corda no pescoço do potro e depois de acostamá-lo com a corda, coloca o buçal.

Segundo os domadores, quando o cavalo permite que se acaricie a testa com a mão, significa que permitiu iniciar a comunicação. Por conseguinte, o processo de toque da mão no corpo do animal, chamado “*palmeiar o potro*” inicia na cabeça, vai ao pescoço, ao corpo, chegando às patas traseiras. O domador, inicialmente, vai *palmeando o potro* segurando pelo buçal, pois o animal não está sensível ao toque. Bayard Jacques, domador de cavalos que reside em Jaguarão/RS, relata em um livro sobre a experiência do toque da mão:

Desde os primeiros potros que amansei, sempre me impressionou o verdadeiro pavor que eles sentiam ao toque da mão. A impressão que me passavam era como se minha mão fosse fogo e queimasse. Depois de conseguir que o animal reduzido pelos elementos de contenção se deixasse apalmar a impressão era exatamente o contrário: os animais gostam de ser tocados, desde que tenham sido bem tocados. (Jacques 2008: 66).

Prendido o buçal em que está anexado o laço, dá-se alguns tirões para baixo sensibilizando a nuca do animal. O próximo momento consiste em deixar cavalo preso no *palanque*²⁷ que “[...] age da mesma forma que as rédeas do domador, ao limitar o movimento pela ação firme das mãos que não seguem puxando quando esse movimento é cortado” (Jacques 2008: 47), e trabalhar a técnica dos *maneadores e maneias*: As *maneias* são peças constituídas por dois pedaços de couro, ligados por argolas, que tem a função de prender as patas do cavalo para este não fugir. Colocadas as *maneias* o domador aciona os *maneadores* que são cordas feitas de tiras couro com espessura grande que são rodeadas em volta do corpo do animal. Esses artefatos limitam as possibilidades de reação do potro fazendo-o acostumar-se com os artefatos que, futuramente, serão colocados. A essa etapa os domadores chamam de “*tirar as costas*”.

Também chamada de “*amansar de baixo*”, a *amanunciação* busca uma aproximação com o cavalo, visando estabelecer uma relação de confiança em que utiliza a linguagem corporal para se comunicar com este. O domador observa as reações do cavalo ao mesmo tempo em que este observa as reações do domador. Por isso a ênfase na paciência quando se está lidando com o potro. Segundo Minga Blanco, depois dessa etapa a técnica de doma adotada fica a critério do domador que, considerando o temperamento do cavalo, aciona o processo de utilização do freio ou do bridão, conforme o que aprendeu sobre o cavalo.

Puxar o queixo

No processo de ensinamento de um potro têm que se levar em consideração a influência dos artefatos. José Reinaldo Santos Gonçalves e colaboradores (Gonçalves, Bitar & Guimarães 2013: 8) concebem que para os “modernos”, as “coisas não falam”. Entretanto, ao experienciar outras culturas, mesmo as dentro da própria sociedade que se diz “moderna”, percebemos que, na realidade,

²⁷ Tronco de madeira com 3,5 m de altura sendo 1,5 m enterrado no chão.

“[...] desaprendemos os idiomas em que se expressam. Pois, se isolarmos as coisas na lógica da ‘razão prática’, na condição de instrumentos estritamente utilitários ou ornamentais, nos afastamos da possibilidade de estabelecer com elas relações de comunicação.”

Nesse sentido, conforme os autores, as “coisas” existem como parte das complexas relações sociais, mediando às relações entre natureza e cultura. No processo do domar são acionados diversos artefatos que fazem a mediação da comunicação entre o humano e o cavalo.

Após a preparação do cavalo vem à etapa denominada “*puxar o queixo*” considerado, para os domadores que praticam as técnicas da “doma tradicional”, um dos principais momentos do processo de aprendizagem do cavalo, pois é o momento em que o *potro* irá conhecer o artefato chamado *bocal*, que é uma tira de couro, com três centímetros de largura, que é colocada no queixo do cavalo. Esta etapa fora etnografada na visita a um centro de doma de cavalos. O domador, conhecido por Dula, “*amanunciou*” o animal alguns dias antes de iniciar o processo. A égua conhecida pelo nome de “*preta*” era *redomona*, ou seja, conforme as informações que o domador encontrou na conversa com outros domadores, fora iniciada no processo de doma, porém, por ser *baldosa* que significa ter um temperamento rebelde, não aprendeu os ensinamentos. O domador estava levando em consideração esse temperamento e a trajetória do animal para acionar a técnica que descreverei: Lico, o filho de Dula, que está aprendendo a domar com o pai, levou a égua até um *palanque* localizado dentro da *mangueira*. Neste local ela foi “*maneada*”, ou seja, presa nas patas dianteiras e traseiras por uma corda de couro ou náilon chamada “*maneia*”. O filho do domador calmamente, chamando-a pelo nome, colocou as *maneias* ao passo que, em diversos momentos, a égua tentou sair puxando a cabeça na qual estava presa pelo “*cabresto*” ao palanque. Após, ligam-se as *maneias* das patas e das mãos através de uma corda de couro que cruza a argola de cada *maneia* diversas vezes. Quando puxou essa corda as *maneias* juntaram-se derrubando o animal e impossibilitando-o de ficar em pé. No *bocal* estavam anexadas as *rédeas* as quais vão cruzar por cima do lombo do cavalo. O domador era auxiliado por Lico e mais duas pessoas que haviam sido convidados a ajudar. Estes ficaram atrás da égua e iria puxar as *rédeas*, com um *tirão único*, direcionando o queixo na direção do peito. O domador, que estava à frente do cavalo, controlava os movimentos das cordas e quando o cavalo começava a “*patear*” (agitar as patas) que significa dizer que estava demonstrando dor, ou seja, que “*sentiu*”, este solicitava que afrouxassem as *rédeas*. Foram três “*tirões*” ou “*puxões*” de cada lado, ou seja, depois de dado os três *tirões*, virou - se o cavalo e *puxou-se* mais três. O objetivo do ato de “*puxar do queixo*” é deixá-lo “*sensível de boca*” e assim quando, na próxima etapa que é o ato de montar, ele já possa atender as mensagens do domador. O evento é dramático considerando que o animal não humano fica extremamente apreensivo. O domador, por outro lado, mantém-se calmo e os seus movimentos são precisos e controlados estabelecendo um padrão de “força mínima” (Sennett 2013: 189) entre o ato de puxar e soltar realizado por todos os envolvidos no processo.

O objetivo de sensibilizar a parte do corpo do animal o qual vai se estabelecer a principal comunicação no momento da montaria, e por isso tem que ter o cuidado para não “*puxar*” com intensidade muito forte e traumatizar o animal o que impossibilitaria seguir no processo de doma. Nesse processo o cavalo é ensinado somente de *bocal* sendo que após isso deverá ser ensinado de *freio* que seria um aperfeiçoamento do processo de doma, considerando que este já tem familiaridade com todos os comandos que se exige dele.

Os primeiros galopes

A terceira etapa consiste em montar no cavalo, também denominada como “*primeiro galope*”. O “*primeiro galope*” significa subir no animal, que está com os arreios, e trabalhar ele para que se acostume com os artefatos da montaria. Ao ser montado o cavalo muitas vezes começa a *corcovear*, a pular querendo expulsar o domador do seu lombo. Nas técnicas das “domas racionais”, baseadas no princípio de “avanço e recuo” (Roberts 2001: 57) quando o cavalo *corcoveia*, o domador desce voltando a montar quando o animal para de pular. Assim, de forma perseverante, faz com que o cavalo vá percebendo que o domador não é um “agressor”, um predador, mas que somente quer ficar em cima e, aos poucos, vai permitindo que o monte. Por outro lado, na técnica da “doma tradicional” o domador fica em cima mostrando-o ao cavalo que deve acostumar-se com esse fato.

Lico “*amanunciou*” o *potro* que, amadrinhado por Dula - que significa acompanhar montado num cavalo que conhece a montaria-, iria praticar o *primeiro galope*. Enquanto aparava a cola e as crinas do cavalo disse que esse cavalo “*era de campo*” e “*xucro*” o qual significa dizer que não foi criado em contato com humanos. O cavalo estava na cabanha há dois meses e, segundo Lico, somente há algumas semanas haviam conseguido *amanunciar* ele, assim, de forma com que ficasse sem medo dos humanos e artefatos. Entretanto, enquanto Lico encilhava o *potro*, este olhava com desconfiança para os artefatos de montaria. Quando *encilhava* Lico fazia o *potro* cheirar o artefato antes de colocar no lombo do mesmo, técnica que, através da noção de que o cavalo conhece algo pelo cheiro, faz o animal conhecer tal artefato. O cavalo precisa de um tempo para se acostumar com os arreios de montaria. Em determinado momento o cavalo se rebelou e fugiu para a área dos fundos da propriedade. Depois de buscá-lo, Lico acionou a utilização das “*maneias*”, que prendem as patas para o animal não fugir.

Quando encilhado o *potro*, Lico o levou até o *corredor*, que o espaço (em muitos casos a estrada da rua) em que *galopeiam* seus cavalos. Dula apareceu montado a uma égua com a qual iria *amadrinhar* Lico na montaria. Essa égua, que chamam de “égua madrinha” tinha quatro anos de idade, sendo um animal que “*tem mais prática*”. Lico se mostrava bastante irritado com o *potro* ao ponto que em momentos seguidos o pai tinha que dizer a este: “*calma filho!*”. Dula pegou o *potro* pelo *cabresto*, que no caso é entendido como um artefato de couro que é prendido na cabeça do cavalo e ao qual está anexado um *laço* para manejar o mesmo, e saiu rápido fazendo com que o cavalo caminhasse, antes de ser montado, para conhecer a presença dos *arreios*. Este, que já estava acostumado com os artefatos no lombo, ao caminhar com eles possibilitaria que os reconhecesse no movimentar o seu corpo. O domador foi até o final do corredor e voltou para o lugar em que estava quando Lico, que esperava, montou. Ao montar, Lico emitiu o seguinte som com a boca: *Putututu!!!* Junto ao toque das esporas no couro do *potro*, ocasionou que este saísse correndo para frente enquanto Dula, com sua égua madrinha, o acompanhava fazendo com que esta tivesse o seu corpo sempre junto do corpo do *potro*, para este último não *corcovear*. Após 30 minutos retornaram para o estabelecimento e tiraram os artefatos de montaria dos cavalos. O cavalo aprendiz observava com desconfiança os artefatos de montaria que ficaram pendurados num cavalete perto do local em que estava atado. Nessa etapa o cavalo segue sendo trabalhado e treinado (nos primeiros acompanhados do *amadrinhador*) todos os dias. A intensidade do trabalho é determinada conforme o animal vai aprendendo os ensinamentos do domador e reconhecendo os artefatos de montaria.

Os freios e bridões

Pode-se considerar o momento de “enfrenar” o cavalo como a etapa final dos principais processos de ensinamento. Acontece quando este passa a atender o *freio*. O *freio* é uma embocadura de ferro, metal, madeira, borracha que se compõem de barra de “ferro doce”, parte que vai dentro da boca do cavalo, sem articulações e tendo uma elevação na parte central exercendo uma pressão na boca do animal. É segurado pela *cabeçada* que é um artefato, confeccionado em couro, que envolve a cabeça do cavalo. Está anexada na parte de cima da perna do freio enquanto na parte de baixo são anexadas as rédeas. Com o Seu Paulo, domador no município de Morro Redondo/RS, aprendi a técnica: se coloca o freio na boca do cavalo e passam-se as *rédeas* por entre as patas dianteiras atando-as em cima do lombo deste fazendo com que o queixo fique direcionado em direção ao próprio pescoço. No início coloca-se o artefato sem montar no cavalo deixando-o na *mangueira* por algumas horas diárias “*mascando o freio*”, para conhece-lo, “*calejar*” a boca. Depois de certo tempo, se faz o animal caminhar com o artefato, acompanhando do lado e fazendo os seguintes movimentos: “*sujeita*” (faz parar) e “*puxa*” (direciona para a direita ou esquerda). O domador deve ter o cuidado para não ferir a boca do cavalo que já está “sensível”.

Nas domas ditas “*racionais*” tem prevalência à utilização do artefato chamado *bridão* que é uma embocadura de ferro, metal, madeira, borracha que se compõem de barra, cuja a parte que vai dentro da boca é ligada por articulações. Por exercer uma pressão menos intensa na boca do cavalo, os domadores que praticam a técnica entendem que o *bridão* maltrata menos o animal. Por outro lado, é necessário a confiança entre ambos, pois o cavalo não está “*sujeito pela boca*” – fato que é possibilitado pela técnica de *puxar do queixo* - e nesse sentido pode em algum momento não atender a comunicação de quem o monta. Muitos domadores que utilizam o *bridão* dispensam a utilização do *bocal* considerando que não se necessita desse processo mais intenso. Entretanto, nos relatos de domadores com quem conversei, utilizam - se os três artefatos no processo de doma seguindo esta ordem: *Bocal*, *freio* e *bridão*. O princípio que orienta a técnica se refere ao fato de, conforme o cavalo vai conhecendo e acostumando com a pressão na boca, vai-se diminuindo a intensidade. Existem diversos tipos de *freios* e *bridões* que serão acionados conforme vai demandando o processo de aprendizagem do cavalo.

O processo de ensinar o cavalo é contínuo sendo que essas etapas iniciais ficarão completas em poucos meses embora segue-se aprofundando os ensinamentos. Lico me disse que um cavalo fica “*bem domado*” em seis meses, ou seja, ensinado aos artefatos e a presença e comunicação dos humanos. No entanto, se o mesmo vai ser destinado para “*correr prova*”, ou seja, participar de esportes equestres, ficará mais tempo no aprendizado sendo “*treinado*” para tal competição. O mesmo se refere a doma para os trabalhos no pastoreio em que aprendizagem vai se dar nas práticas cotidianas das lidas. Embora os domadores tenham preferências por uma técnica em detrimento da outra, consideram que a característica do cavalo, ou seja, sua personalidade que rege a demanda de determinado saber/fazer. Para Seu João, domador numa hospedaria para cavalos na cidade de Pelotas/RS, as diferenças entre as domas estão na “*maneira de lidar*” com o cavalo, ao passo que não há um artefato para determinado tipo de doma, mas para cada relação estabelecida.

Considerações finais

Por que é o cavalo que dá as dicas? Por que os domadores aprendem na interação com os cavalos? Este texto discorreu sobre essas questões que envolvem a aprendizagem das técnicas de domar animais equinos no contexto do pampa brasileiro. As relações entre humanos e cavalos são constituídas por meio de comunicações verbais e não verbais (movimentos e gestos corporais) que se articulam na interação cotidiana, conforme observou Luna de Castro Pavão (2014) no contexto das práticas de equoterapia. A essas formas de comunicação tem-se a mediação dos artefatos cujos movimentos realizados informam as ações que o cavalo deve executar. As primeiras etapas do processo de doma buscam a aprendizagem dessas diferentes formas de comunicação entre humano e cavalo, sendo que, nestas etapas são acionados determinados artefatos e diferentes técnicas conforme o domador vai aprendendo sobre o cavalo. Para os domadores o cavalo não é um ser passivo, receptor e reproduzidor de tarefas, mas um agente que, conforme a sua personalidade, vai influenciar e condicionar o manejo de diferentes habilidades para ensiná-lo. Os praticantes se referem à doma de um cavalo como a leitura de “*um livro*”. Tal como cada livro conta uma história diferente, em cada doma se constrói uma história diferente, pois cada *animal é único*, tendo uma personalidade própria, cabendo ao domador estudá-lo: “*Tu estudas o cavalo e o cavalo te dá as dicas*”. As diferentes personalidades equinas – manso, *velhaco* (traíçoeiro) e *baldoso* (rebelde) –, junto a forma de ser constituída na experiência de habitar o mundo - como o cavalo “*redomão*” sendo aquele que não aprendeu os ensinamentos quando numa primeira tentativa de doma -, são aprendidos pelos domadores, tanto na interação com os cavalos como na rede de relações estabelecidas com outros domadores, e levados em consideração no processo de doma.

Assim, os interlocutores deste trabalho foram iniciados no ofício por meio de domadores mais velhos através da observação e prática. No entanto, eles observam que na interação cotidiana com os cavalos que aprenderam e desenvolveram a habilidade das técnicas de manejo das lidas. A aprendizagem, portanto, seja dos humanos quanto dos cavalos é concebida como uma contínua incorporação de habilidades constituídas na experiência (Ingold 2010) e na vivência do cotidiano das lides pastoris.

Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CAVALOS CRIoulos – ABCCC. 2015. “História da ABCCC”. Pelotas. Disponível em: <<http://cavalocrioulo.org.br/institucional/historia>>. Acesso em: 20 dez. 2015.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. 2014. “O pampa”. Brasília. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/biomas/pampa>>. Acesso: 9 mar. 2014.
- FREIRE, Beatriz M. 2005. “O inventário e o registro do Patrimônio Imaterial: novos instrumentos de preservação”. *Cadernos do LEPARQ: Textos de Arqueologia, Antropologia e Patrimônio*, 2(3):11-20.
- GONÇALVES, José R. S.; BITAR, Nina P.; GUIMARÃES, Roberta S. 2013. *A alma das coisas: patrimônio, materialidade e ressonância*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ.

HOWES NETO, Guilherme. 2009. *De bota e bombacha: um estudo antropológico sobre identidades gaúchas e o tradicionalismo*. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria.

INGOLD, Tim. 2010. “Da transmissão de representações à educação da atenção”. *Educação*, 33(1):6-25.

_____. 2012. “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”. *Horizontes Antropológicos*, 18(37):25-44.

JACQUES, Bayard B. 2008. *Registros da eficiência da equitação gaúcha: primeiros escritos*. Jaguarão: Autor.

LEAL, Ondina F. 1997. “Do etnografado ao etnografável: o “Sul” como área cultural”. *Horizontes Antropológicos*, 3(7):201-214.

LIMA, D.V. 2015. “Cada doma é um livro”: a relação entre humanos e cavalos no pampa sul-riograndense. Dissertação de Mestrado, ICH, Universidade Federal de Pelotas.

PAVÃO, Luna C. 2014. Montaria a cavalo: um convite ao estudo antropológico sobre a relação entre humanos e animais na equoterapia. *Revista Latino-americana de Estudios Críticos Animales*, 2:99-115.

RIETH, Flávia; KOSBY, Marília; SILVA, Liza B.; RODRIGUES, Marta B.; DOBKE, Pablo; LIMA, Daniel V. 2013. *Inventário nacional de referências culturais: lidas campeiras na região de Bagé, RS*. 1. ed. Arroio Grande: Complexo Criativo Flor de Tuna. 356 p. (vol. 3).

RIETH, Flávia; RODRIGUES, Marta B.; SILVA, Liza B. 2015. “As lidas campeiras na região de Bagé/RS: sobre as relações entre homens, mulheres, animais e objetos na cultura campeira”. In: Fernanda V. Nummer & Maria C. C. França (eds.), *Entre ofícios e profissões: reflexões antropológicas*. Belém: GAPTA/UFPA.

ROBERTS, Monty. 2001. *O homem que ouve cavalos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

SENNETT, Richard. 2013. *O artífice*. Rio de Janeiro: Record.

SILVA, Liza B. M. 2014. *Entre lidas: um estudo de masculinidades e trabalho campeiro na cidade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas.

SOUZA, Juliana; ZARDIN, Manuela; SURITA, Vinicius; DUVAL, Eduardo; SILVERA, Isabella D. 2011. “Hospedarias para equinos na cidade de Pelotas: instalações e serviços oferecidos”. In: *Anais do XX Congresso de Iniciação Científica / III Mostra Científica*, Pelotas.

WAGNER, Roy. 2010. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify.

WEBER, Max. 2006. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Martin Claret.

Recebido em Setembro 10, 2014

Aceito em Janeiro 13, 2016